

O CAÇADOR DE LIVROS

Sérgio Rolim Mendonça

Membro titular da Academia Nacional de Engenharia - ANE Brasil

Por volta de 50 a.C. um poeta e filósofo chamado Tito Lucrécio Caro escreveu um famoso texto intitulado *De rerum natura* – “Da natureza das coisas” em tradução livre. Eram versos latinos belíssimos. Cícero (106 a.C. - 43 a.C.) ficou impressionado com a poesia de Lucrécio, realmente algo incomum, um texto perigosamente radical, um poema que reunia um gênio iluminado em filosofia e ciência a uma força poética extraordinária. Epicuro (341 – 270 a. C.) nasceu na ilha de Santos, no mar Egeu, na Grécia. Ficou famoso num tema específico: a *felicidade*. Insistia que queria se concentrar em como ser feliz. Num jardim de Atenas, Epicuro construiu toda uma explicação do universo e uma filosofia da vida humana. Era o messias filosófico de Lucrécio.

O livro de Lucrécio, uma tradução em prosa de 2 mil anos de idade totalizando 7.400 versos não é uma leitura fácil. Está escrito em hexâmetros, com seis acentos internos, em que poetas latinos, como Virgílio e Ovídio, imitando o grego homérico, escreveram sua poesia épica. É dividido em seis livros, sem títulos. Consta de meditações filosóficas sobre a religião, o prazer e a morte e complexas teorias do mundo físico, da evolução das sociedades humanas, dos perigos e das alegrias do sexo e da natureza da doença, com momentos de intensa beleza lírica.

A visão fundamental do poema de Lucrécio era que em tudo que já existiu e tudo que ainda existirá é montado a partir de partículas indestrutíveis de dimensões diminutas, mas inimaginavelmente numerosas. Os gregos denominavam essas partículas indivisíveis e que não podiam ser divididas em partículas menores, de átomos. Ele considerava também que a vida e todas as outras formas existentes, inclusive a própria Terra, irão um dia se desintegrar e voltar aos átomos constituintes de que eram compostas e dos quais outras coisas irão se formar na dança perpétua da matéria. O espaço, escreveu, como o tempo, é ilimitado. Não há pontos fixos, não há começos, meios ou fins, e não há limites. A matéria não fica aglomerada numa massa sólida. O universo

consiste então de matéria – as partículas primárias e tudo que essas partículas se reúnem para formar – de espaço, intangível e vazio. Nada mais existe.

Esse livro perdido por cerca de 500 anos foi encontrado por Poggio Bracciolini em um mosteiro no sul da Alemanha em janeiro de 1417. Em uma biblioteca monástica, provavelmente a de Fulda, das muitas por ele visitadas. Ali ele tirou da estante um longo poema cujo autor pode ter lembrado de ver mencionando em Quintiliano ou na crônica compilada por São Jerônimo: “*T. Lucreti Cari de Rerum Natura*”.

Toda essa brilhante narrativa sobre esse caçador de livros durante a Idade Média foi escrita pelo historiador Stephen Greenblatt¹, após haver ganhado o Prêmio Pulitzer nos Estados Unidos.

Foi por um acaso que o livro de Lucrécio conseguiu chegar à biblioteca de vários mosteiros e um monge em algum do lugar do século IX copiou o poema antes que mofasse ou fosse comido pelas traças e desaparecesse para sempre, até chegar nas mãos do humanista que se denominava *Poggius Florentinus*, Poggio, o Florentino.

Poggio não gostava de monges, embora reconhecesse em vários deles, homens impressionantes e de grande seriedade moral e erudição. No geral os achava supersticiosos, ignorantes e irremediavelmente preguiçosos. Os mosteiros, na sua opinião, eram lugares em que se largavam as pessoas que não serviam para o mundo. A seus amigos da cúria, contava anedotas sobre a venalidade, a estupidez e o apetite sexual dos monges. Achava que não faziam nada além de cantar como gafanhotos. Porém, tinha muito cuidado quando visitava os monastérios para criar confiança com os monges e facilitar seu trabalho de recuperação de livros raros e antigos.

Poggio Bracciolini nasceu na Itália, região da Toscana, em Terranuova, em 1380. Chegou muito jovem a Florença, na época, cidade escura, apertada, congestionada, sujeita a surtos periódicos de peste bubônica no fim da década de 1390. Tinha dificuldades para apresentar uma longa linhagem de ancestrais ilustres. Para poder se estabelecer no mundo sem ter de se desmentir, precisou comprar um brasão fraudulento de 350 anos de idade. Na sequência de acidentes que levou à recuperação do poema de Lucrécio, a letra de Poggio foi um fator crucial. Para ganhar dinheiro

copiava livros e documentos. Sua caligrafia e sua competência como copista o fizeram se tornar famoso ainda em vida. Melhorou seu latim, que já era bem avançado e com 22 anos prestou exame diante de uma banca de advogados e notários, dando início à sua vida profissional.

No decorrer de uma longa carreira, escreveu livros sobre hipocrisia, avareza, a verdadeira nobreza, o casamento na terceira idade, as vicissitudes da fortuna, as misérias da condição humana e a história de Florença, além de possuir um grande dom com as palavras. No outono de 1403, partiu aos 23 anos de idade para Roma, munido de uma carta de recomendação assinada por Coluccio Salutati, humanista, filósofo, e grande chanceler da República de Florença, amigo de Francesco Petrarca e Giovanni Boccaccio.

Teve 14 filhos, sendo dois deles mulheres, todos com sua amante Lucia Pannelli. Reconheceu seus filhos ilegítimos embora criticado pelas fofocas escandalosas de sua época. A um cardeal amigo que o criticou pela irregularidade de sua vida, acrescentou: “E acaso não encontramos todo o dia, e em todas as terras, padres, monges, abades, bispos e dignitários de ordem ainda mais alta que têm famílias de crianças com mulheres casadas, viúvas e até com virgens consagradas ao serviço de Deus”? No dia 19 de janeiro de 1436, já com 56 anos de idade, casou-se com Vaggia di Gino Buondelmonti, de 18 anos, pertencente a uma das antigas famílias feudais de Florença.

Poggio foi chanceler de Florença por cinco anos. Conseguiu com seu trabalho e com alguns colegas transformar a caligrafia existente – uma inovação dos escribas do século IX na corte de Carlos Magno – na letra que usavam para copiar manuscritos e escrever cartas. Essas letras serviram de base para o desenvolvimento das fontes que chamamos hoje de itálico. Faleceu em Florença no dia 30 de outubro de 1459 aos 79 anos de idade deixando um legado impressionante com suas aventuras à caça de livros antigos no começo do século XV e em seu trabalho diretamente com oito papas.

Para todos que amam os livros, já devem ter tido a oportunidade de haver emprestado algum deles e nunca mais o terem visto de volta. Antigamente os livros eram coisas raras e valiosas. Alguns mosteiros tentavam garantir a estabilidade de suas posses rogando pesadas pragas em seus manuscritos, pois havia muitos humanistas de mãos leves.

Aqui se apresenta uma dessas pragas escrita em um manuscrito medieval encontrado em um mosteiro, para aquele que roube, ou empreste, e não mais devolva este livro a seu proprietário: *“Que se transforme em serpente e sua mão o destrua. Que seja vítima de paralisia e se percam seus membros. Que sofra dor à maravilha pedindo mercês em altas vozes e que não haja cessar para sua agonia até que cante dissoluto. Que vermes lhes roam as entranhas como lembrança do verme que não morre e que quando finalmente vá a seu castigo, que as chamas do Inferno o consumam para sempre”*.

Referência

GREENBLATT S. **A Virada – O Nascimento do Mundo Moderno**. Companhia das Letras, 2012.